



VARIAÇÃO DIATÓPICA EM DICIONÁRIOS ESCOLARES DO TIPO 2

Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves (UFG)¹
sheilacpgoncalves@outlook.com

RESUMO: O presente artigo busca evidenciar e discutir a variação diatópica em dicionários escolares do tipo 2, isto é, obras que possuem um número mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes e proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário. Nosso *corpus* consta dos seguintes dicionários: Biderman, Maria Tereza Camargo. Dicionário ilustrado de português. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009; Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008; Geiger, Paulo (org.) Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do pica-pau amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011 e Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011. Pretendemos realizar uma análise comparativa do registro da variação diatópica nas obras que compõem o nosso *corpus* e avaliar criticamente os critérios lexicográficos adotados por seus autores. Apoiar-nos-emos nos conceitos básicos da Lexicografia e da Sociolinguística. Como resultado de nossas análises, essa pesquisa revelou a falta de critérios, bem como o tratamento dado às informações presentes na microestrutura dos verbetes.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia; Dicionário escolar; Variação diatópica.

ABSTRACT: The present article seeks to evidence and discuss the diatopic variation in type 2 school dictionaries, that is, those that have a minimum number of 3,000 and a maximum of 15,000 entries and a lexicographical proposal suitable for students in the consolidation phase of both writing and the typical organization and language of the dictionary genre. Our *corpus* consists of the following dictionaries: Dicionário ilustrado de português by Maria Tereza Camargo Biderman, 2nd edition, Atica Publishing, 2009; Dicionário Aurélio ilustrado by Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Curitiba, Positivo Publishing, 2008; Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Ilustrado com a Turma do Sítio do PicaPau Amarelo, by Caldas Aulete, organized by Paulo Geiger, São Paulo, Globo Publishing, 2011; Dicionário júnior da língua portuguesa by Geraldo Mattos, 4th edition, São Paulo, FTD Publishing, 2011. We intend to perform a comparative analysis of the diatopic variation register in the works that compose our *corpus* and to critically evaluate the lexicographical criteria adopted by its authors. We will focus on the basic concepts of Lexicography and Sociolinguistics. As a result of the analyzes, this research revealed the lack of criteria, as well as the treatment given to the information present in the microstructure of the entries.

KEY WORDS: Lexicography; School Dictionary; Diatopic Variation.

1 Introdução

Telemóvel ou celular? Marmitex ou Quentinha? Mandioca, macaxeira ou aipim? Mina ou namorada? Mexerica, Bergamota ou Tangerina? Vou não ou Não vou? Trem

¹ Doutora em Análise Linguística pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP. Professora Adjunta do Departamento de Letras e do Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás - UFG/Regional Catalão. sheilacpgoncalves@outlook.com

ou coisa? Menino, guri ou piá? ah....o léxico....esse universo de possibilidades que, como muito bem especificou Cecília Meireles: " Ai, palavras, ai, palavras que estranha potência a vossa!

Certamente o léxico "é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana [...] está associado ao conhecimento e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva." (BIDERMAN, 1996, p. 27-28). Além disso, está registrado nos dicionários que, a nosso ver, são obras multifuncionais no sentido de exercerem diversos papéis, tais como registrar, compilar, descrever e por que não afirmar, prescrever o léxico.

Os dicionários, também, desempenham um papel didático e, nesse sentido, eles estão cada vez mais presentes na sala de aula, ao lado do livro didático, auxiliando professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem do léxico.

Concordamos com Krieger (2011) ao afirmar:

todo e qualquer dicionário é didático, na medida em que traz inúmeras informações sobre o léxico, a língua e a cultura. E, como tal, ajuda o aluno a escrever, a expressar-se bem, oferecendo-lhe informações sistematizadas sobre as palavras, seus usos e sentidos, bem como sobre aspectos gramaticais e históricos. (KRIEGER, 2011, p. 109)

Por outro lado, está presente a variação do léxico. Segundo Welker (2004), as marcas diatópicas são aplicadas a acepções restritas a certas regiões ou países e é necessário "diferenciar entre os regionalismos em um determinado país e aqueles itens lexicais cujo uso é restrito a um dos vários países nos quais a mesma língua é falada." (WELKER, 2004, p.132)

Para Mussalín & Bentes (2006, p. 34), "de uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)".

De acordo com as autoras:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a ver com a



identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (MUSSALIN & BENTES, 2006, p. 34).

Decerto, sabemos que existem diferenças nos falares de habitantes do Sul, em contraposição a habitantes do Norte, Nordeste, por exemplo, inclusive, denominando de forma diferenciada o mesmo objeto, alimento ou coisa.

Mussalin & Bentes (2006) complementam que fatores tais como a classe e/ou contexto social (is), sexo ou idade também são determinantes nesse processo e é, nesse momento, que a Sociolinguística torna-se de fundamental importância.

Pretendemos, nesse artigo, apresentar um breve levantamento sobre o tratamento dado à variação diatópica em dicionários escolares do tipo 2, ou seja, obras destinadas a alunos que cursam 2º ao 5º ano do ensino Fundamental, possuem um número mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes e proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.

Realizaremos uma análise contrastiva do modo como é tratada a variação diatópica nesses dicionários e avaliaremos criticamente os critérios lexicográficos adotados pelos autores na confecção dessas obras. A seguir, nosso *corpus*.

2. Nosso *corpus*

Nosso *corpus* será composto pelos dicionários do tipo 2 (detalhados no quadro a seguir) e indicados pelo Programa Nacional do livro didático (PNLD) do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Tipologia essa que tem se destacado e vem se transformando em referência nacional.

Vale ressaltar que o Programa Nacional do livro didático do Ministério da Educação e Cultura, doravante, PNLD/MEC, avalia dicionários desde o ano 2000. Inicialmente, o principal objetivo do referido Programa era selecionar e avaliar os livros didáticos que seriam distribuídos nas escolas de todo o país. A seguir, o detalhamento da divisão proposta pelo PNLD/MEC, em 2012, ou seja, a última avaliação proposta pelo Programa:

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de tipo 1	1º ano do ensino Fundamental	Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de tipo 2	2º ao 5º ano do ensino Fundamental	Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de tipo 3	6º ao 9º ano do ensino Fundamental	Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino Fundamental.
Dicionários de tipo 4	1º ao 3º ano do ensino Médio	Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; proposta lexicográfica própria de dicionário padrão de uso escolar, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Quadro 1: Distribuição dos acervos propostos pelo PNLD/MEC 2012

A partir do exposto, identificamos uma divisão dessas obras em tipos que são destinados a grupos específicos de alunos/consulentes, além de se diferenciarem pela quantidades de verbetes e suas propostas lexicográficas.

Importante ressaltar que, para o PNLD/MEC 2012, “os dicionários de um determinado tipo diferem dos demais não só pela quantidade e pelo tipo de palavra que registram, mas, ainda, pelo tratamento que dão às explicações de sentidos, à estrutura do verbete e à organização geral do volume”.(GUIA PNLD/MEC 2012-Dicionários, p. 20).

Pelo fato de serem direcionados a um público em fase de alfabetização e consolidação da escrita e, portanto, possuírem um porte limitado e distante da representação do léxico, o PNLD/MEC 2012 acrescenta que os dicionários do tipo 1 e 2 não se “constituem, a rigor, como dicionários. São, antes, repertórios de palavras organizados como tais, com o objetivo de introduzir (Tipo 1) e familiarizar (Tipo 2) o aluno do primeiro seguimento [...]”.(GUIA PNLD/MEC 2012-Dicionários, p. 21).

Ademais, segundo o PNLD/MEC 2012, os dicionários do tipo 3 e 4 são destinados a pré-adolescentes e se inserem nos “padrões estabelecidos de representatividade e muito se aproximam de dois modelos bastante difundidos: o minidicionário e o dicionário padrão.” (GUIA PNLD/MEC 2012-Dicionários, p. 21).

Os seguintes títulos são considerados pelo PNLD/MEC 2012 como dicionários do tipo 2: a) Biderman, Maria Tereza Camargo. **Dicionário ilustrado de português**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009; b) Borba, Francisco S. **Palavrinha viva; dicionário ilustrado da língua portuguesa**. Curitiba: Piá, 2011; c) Braga, Rita de Cássia Espechit & Magalhães, Márcia A. Fernandes. **Fala Brasil!; dicionário ilustrado da língua portuguesa**. Belo Horizonte: Dimensão, 2011; d) Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2008; e) Geiger, Paulo (org.). **Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo**. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011; f) Mattos, Geraldo. **Dicionário júnior da língua portuguesa**. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011; g) Saraiva, Kandy S. de Almeida & Oliveira, Rogério Carlos G. de. **Saraiva Júnior; dicionário da língua portuguesa ilustrado**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

Desses 07 (sete) títulos indicados pelo PNLD/MEC, em 2012, selecionamos, aleatoriamente, os seguintes dicionários para compor o nosso *corpus*: a) Biderman, Maria Tereza Camargo. **Dicionário ilustrado de português**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009; b) Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2008; c) Geiger, Paulo (org.). **Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo**. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011; d) Mattos, Geraldo. **Dicionário júnior da língua portuguesa**. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011.

3. Sobre os dicionários do tipo 2

Do ponto de vista do projeto lexicográfico, podemos perceber uma grande variedade no que diz respeito aos dicionários do tipo 2. O total de verbetes varia de 5.900 (Dicionário ilustrado de português) a 14.790 (Dicionário júnior da língua portuguesa). Para mais, essas obras são ilustradas com propostas coloridas e bem-humoradas e apresentam diversas informações aos consulentes: estrangeirismos, subentradas, locuções, sinônimos e antônimos e, também, espaços destinados à informações, tais como: “Você sabia?” e “Faça você mesmo” que instigam a curiosidade e a iniciativa do aluno; “Adivinha”, “Trava-língua” e “Provérbio” que têm função predominantemente lúdica, mas envolvem gêneros de interesse didático para esse nível de ensino.

Para o PNLD/MEC 2012:

os dicionários de Tipo 1 e 2, do ponto de vista do nível de ensino a que se destinam, têm em comum o fato de que devem atender a demandas pedagógicas dos cinco primeiros anos do ensino fundamental. Como sabemos, esses são os anos consagrados ao letramento e à alfabetização iniciais (três primeiros anos ou primeiro ciclo), assim como à consolidação desse processo (dois últimos anos ou segundo ciclo). Uma das principais responsabilidades do primeiro ciclo está na organização didática do processo de aquisição do sistema alfabético de escrita. (GUIA PNLD/MEC 2012-Dicionários, p. 29)

Ainda segundo o PNLD/MEC 2012, os dicionários do tipo 2, apresentam um número limitado de verbetes, possuem uma estrutura simples, linguagem informal e acessível. Entretanto, tem como foco registrar um vocabulário básico no sentido de auxiliar e oferecer subsídios ao trabalho do professor em sala de aula e familiarizar o aluno/consulente com os dicionários padrão.

Passemos, a seguir, ao tratamento dado à variação diatópica pelos autores dos dicionários do tipo 2.

4. Tratando a variação diatópica em cada dicionário do nosso *corpus*

4.1. Biderman, Maria Tereza Camargo. Dicionário ilustrado de português. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009

O dicionário ilustrado de português de Maria Tereza Camargo Biderman registra, em suas páginas iniciais, na seção "Como usar este dicionário", p.6, diversos esclarecimentos sobre como usar a obra, bem como quais informações serão tratadas, a saber: o plural de formas irregulares, expressões idiomáticas, sinônimos, antônimos, estrangeirismos, locuções, separação silábica, marcação da sílaba tônica, dentre outros, mas não informa se serão registradas as variações diatópicas e tampouco os critérios lexicográficos utilizados para tal.

Buscamos, também, no "Prefácio", p.8, essa informação. Nesse texto, encontramos várias explicações, tais como se dá a estrutura e a organização dos verbetes, os critérios usados na seleção das palavras, dentre outros.

A autora informa, por exemplo, que a nomenclatura do dicionário "foi feita a partir de um *corpus* de 6 milhões de palavras, sendo 5 milhões relacionadas à língua escrita e o restante associado à língua falada"(DICIONÁRIO ILUSTRADO DE PORTUGUÊS, 2009, p.8)

Biderman complementa:

desse conjunto tão amplo, foram selecionadas inicialmente três mil palavras, levando em conta critérios de maior frequência; em seguida, tal seleção foi confrontada com um grande número de livros escolares do ensino fundamental, ampliando o universo tratado para cerca de cinco mil vocábulos.(DICIONÁRIO ILUSTRADO DE PORTUGUÊS, 2009, p.8)

No "Prefácio", também não encontramos qualquer menção à variação diatópica, contudo, apesar dessa omissão, pode-se inferir que a obra trabalha com esse registro, uma vez que contempla um universo de quase 6.000 verbetes retirados das mais variadas modalidades de gêneros discursivos e temáticos.

Considerando-se exemplos bastante conhecidos de variação diatópica, "mandioca, macaxeira, aipim", fomos examinar no Dicionário ilustrado de português de



Maria Tereza Camargo Biderman como se dá (ou não) esse registro. Importante citar que os verbetes foram transcritos da forma original, isto é, como foram descritos no dicionário:

mandioca s. fem. man-di-o-ca [ó]. Planta de folhas largas e raízes grossas usadas como alimento. *No Nordeste, certos tipos de mandioca são chamados de aipim e macaxeira.*

Biderman, Maria Tereza Camargo. Dicionário ilustrado de português. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009, p.191

aipim s. masc. ai-pim. Tipo de mandioca. *Vovó fez bolo de aipim.*

Biderman, Maria Tereza Camargo. Dicionário ilustrado de português. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 20

macaxeira s.fem. ma-ca-xei-ra. Mandioca. *Vovó assou um delicioso bolo de macaxeira para o lanche. **Obs.** é usada no Nordeste do Brasil.*

Biderman, Maria Tereza Camargo. Dicionário ilustrado de português. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 188

Verificamos que, apesar de não estar indicado nos textos iniciais do dicionário como será tratada a variação diatópica, a autora fornece ao aluno/consulente essa informação.

Vejamos que em "mandioca", logo após a definição, o exemplo informa ao leitor que, na região Nordeste, essa planta também é conhecida por "aipim" e "macaxeira". Já "aipim" é considerada um tipo de mandioca, mas o autor não faz qualquer referência à variação diatópica, que é retomada em "macaxeira", porém como uma observação e não no exemplo, como é o caso de "mandioca".

Analisamos outro exemplo clássico de variação diatópica, buscando verificar se há, nesse dicionário, critérios lexicográficos definidos para tratá-la: menino: guri, piá.

menino s. masc. me-ni-no. Criança do sexo masculino. *André é um menino muito inteligente. Δ sinônimo: garoto.*

Biderman, Maria Tereza Camargo. Dicionário ilustrado de português. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 197



garoto s. masc. ga-ro-to [ô]. Menino de pouca idade. *O garoto colocou a surpresa na gaveta da mãe, sem perceber que ela o observava de um canto do quarto.* Δ sinônimo: menino.

Biderman, Maria Tereza Camargo. Dicionário ilustrado de português. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009, p. 146

Nesses exemplos, não está presente a indicação sobre variação diatópica e sim apenas que "menino" e "garoto" são sinônimos, não constando, inclusive, as entradas "guri e piá."

4.2. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008

As informações relativas ao modo como é tratada a variação diatópica no dicionário Aurélio ilustrado está presente na seção "Chave do dicionário", página 10, em que a "rubrica" esclarece:

indica a área do conhecimento em que a palavra é usada com tal significado. As áreas podem ser Ciências Naturais, Matemática, Geografia, entre outras. A rubrica também pode referir-se ao tipo de uso, como gíria, figurado, depreciativo, etc. Pode, ainda, especificar uma região geográfica, no caso dos regionalismos, por exemplo, Brasileirismo, Minas Gerais e Sergipe. (DICIONÁRIO AURÉLIO ILUSTRADO, 2008, p.10)

No que concerne a "mandioca, macaxeira e aipim", constatamos:

man.di.o.ca *subst.fem. Brasileirismo* **1.** Planta de tubérculos alimentícios que servem para fazer farinha de mesa, etc. **2.** O tubérculo dessa planta. [Sinônimos: *aipim, macaxeira.*]

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008, p.563

ma.ca.xei.ra *subst.fem. Brasileirismo Norte Nordeste* Veja mandioca

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008, p.556

ma.ca.xe.ra (ê) *subst.fem. Brasileirismo Norte Nordeste* Veja mandioca

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008, p.556



a:i.pim *subst.masc. Brasileirismo Ciências Naturais* Veja mandioca [Plural: aipins]

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008, p.63

Nesse dicionário, "mandioca" é marcada por Brasileirismo. Porém, o autor não menciona o porquê de tal classificação. Por isso, fomos investigar no dicionário Aurélio, versão eletrônica, 2009, o conceito de "Brasileirismo":

[De *brasileiro* + *-ismo*.] Substantivo masculino 1.E. Ling. Palavra ou locução própria de brasileiro (2). 2.E. ing. Modismo próprio da linguagem dos brasileiros. 3.E. Ling. Idiotismo do português do Brasil. 4.Bras. Caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil. 5.Bras. Sentimento de amor ao Brasil; brasilidade.(DICIONÁRIO AURÉLIO, VERSÃO ELETRÔNICA, 2009)

Fica claro que, para esse autor, a marca de uso relacionada aos regionalismos é descrita como Brasileirismo, o que, aliás, causou-nos certa estranheza a adoção do mesmo critério em um dicionário do tipo 2, ou seja, uma obra indicada para alunos que cursam do 2º ao 5º anos do ensino Fundamental, dada a complexidade desse conceito para esse nível.

Ademais, diferentemente do dicionário ilustrado de português de Maria T.C. Biderman, o verbete "mandioca" registra 2 acepções: "planta de tubérculos alimentícios e o tubérculo dessa planta", seguidas dos sinônimos: aipim, macaxeira. Interessante citar que, apesar de não registrar "macaxera" como sinônimo, o dicionário também faz o registro dessa variante, predominando, também, as marcas "Brasileirismo e Norte, Nordeste."

Já em "aipim", também marcada por "Brasileirismo" e "Ciências Naturais" não há uma definição própria, mas sim uma entrada que se serve da variante "mandioca", sem qualquer dado adicional.

Já em relação as variações "menino, guri e piá", encontramos o seguinte:

me.ni.no *subst.masc.* Criança do sexo masculino. [Sinônimo Brasileirismo: garoto, guri, curumi ou curumim.]

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008, p.579



ga.ro.to (ô) *subst.masc. Brasileirismo* Veja menino

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008, p.449

gu.ri *subst.masc. Brasileirismo* Veja menino

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008, p.446

pi.á *subst.masc. Brasileirismo Sul* **1.** Índio jovem. **2.** Menino

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008, p.672

cu.ru.mim *subst.masc. Brasileirismo Amazonas* Veja menino [Plural: curumins]

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio ilustrado. Curitiba: Positivo, 2008, p.268

Nota-se que, em todas as entradas pesquisadas, "menino, garoto, guri, piá e curumim", o Aurélio ilustrado registra também a marca "Brasileirismo". No verbete menino, foram registrados os seguintes vínculos sinonímicos: garoto, guri, curumi ou curumim. No entanto, a obra não registra "curumi". Além disso, o dicionário informa ao consulente que "curumim" possui a variante da região "Amazonas" e "piá" da região "Sul" com duas acepções: "índio jovem e menino."

4.3. Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011

O Caldas Aulete - Dicionário escolar da língua portuguesa ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau amarelo informa no texto intitulado "Aos educadores - proposta lexicográfica" que a obra apresenta 6.183 verbetes que se propõe a cobrir um universo de palavras que a criança irá se deparar.

O autor esclarece, ainda, em relação à variação diatópica que:

diante do desafio de aprofundar o nível de informações semânticas, gramaticais [...] incorporam-se aos verbetes muitas derivadas e suas definições, além de citações de sinônimos, [...], muitíssimos exemplos, contextualização de uso (se é gíria, popular, familiar etc, ou se é de uma região do Brasil, ou se é de uma área específica do



conhecimento." (CALDAS AULETE DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA ILUSTRADO COM A TURMA DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO, 2011, p.8)

Além disso, na seção "Como usar este dicionário", p.10, há a indicação de contexto em que o autor esclarece que:

Muitas vezes o significado de uma palavra, e seu uso, está inserido em determinada situação, ou contexto, e conhecer esse contexto é fundamental para entender o uso e significado. Os contextos são apresentados nesse dicionário na abertura de uma acepção (ou de todo o verbete, se vale para todo ele) como uma palavra em azul, e podem ser de três tipos: a) regionalismos, se se referem a um uso da palavra com aquele significado em determinado estado ou uma região do Brasil (ex. Bombachas Sul calças muito largas...); b) nível de linguagem, ou seja, se é gíria, popular, depreciativo etc (ex. camelo gíria É o mesmo que bicicleta); c) área de conhecimento, se a palavra tem aquele significado em determinada área de conhecimento, ou disciplina escolar (ex. subtração matemática...etc) (CALDAS AULETE DICIONÁRIO ESCOLAR DA LÍNGUA PORTUGUESA ILUSTRADO COM A TURMA DO SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO, 2011, p.10)

Fomos averiguar as variantes "mandioca, macaxeira e aipim":

mandioca man.di:q.ca (ó) **sf.** A mandioca é um tubérculo da família da batata, muito usada como alimento em todo o Brasil (embora haja variedades não comestíveis), e é dela que é feita a farinha de mesa. [= AIPIM, MACAXEIRA]

Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011, p.294

aipim a:i.pim **sm.** O aipim é uma raiz que se pode comer cozida, frita ou assada. Serve também para fazer farinha. [MANDIOCA; MACAXEIRA] [Pl. aipims]

Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011, p.29

macaxeira ma.ca.xei.ra **sf.** Nos estados do Norte e do Nordeste, chama-se de macaxeira uma raiz comestível que em outras partes do Brasil é conhecida como *aipim*, ou *mandioca*.

Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011, p.289

Considerada como "tubérculo" pelo Caldas Aulete, a entrada "mandioca" registra os seguintes sinônimos: "aipim e macaxeira". Já a definição de "aipim" afirma se tratar de uma raiz comestível, mas é em "macaxeira", como parte da definição, que o consultante irá encontrar que é uma variante utilizada nos estados do Norte e do Nordeste.

Tratamento diferenciado podemos verificar nas entradas "menino, guri e piá": o verbete "menino" traz duas acepções, mas não faz referência, sequer sinonímica, a garoto, guri ou piá. A relação sinonímica está presente em "garoto".

Já na entrada "guri", encontramos os sinônimos "menino, garoto", mas novamente, sem qualquer marca regional, o que está presente em "piá", informando ao consultante, na acepção 2, tratar-se de um uso específico da região Sul. Também não encontramos a entrada curumim registrada no Aurélio ilustrado.

menino me.ni.no **sm.** **1.** Menino é uma criança, do sexo masculino, ou um jovem de pouca idade. **2.** *familiar* Também é um modo de se referir a uma pessoa do sexo masculino, jovem ou não.

Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011, p.304

garoto ga.ro.to (ô) **sm.** **1.** Garoto é uma criança, um adolescente ou um rapaz [= MENINO] : Os garotos estão na escola. ∞ **a.** **2** Diz-se que é garoto alguém que é muito jovem: Carlos é muito garoto para casar. Δ **garotada** ga.ro.ta.da **sf.** Grande grupo de garotos; garotos em geral.

Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011, p.228

guri gu.ri **sm.** **1.** Guri é uma criança pequena. [= MENINO; GAROTO] [Fem. guria]

Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011, p.238

piá pi:á **sm.** **1.** Piá é um menino indígena, ou um mestiço de índio com branco. **2.** *Sul* É também qualquer menino.

Geiger, Paulo (org.). Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica- Pau Amarelo. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011, p.362

4.4. Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011.

O dicionário júnior da língua portuguesa de Geraldo Mattos não apresenta, nos seus textos iniciais, "Ajuda ao leitor" e "Proposta lexicográfica", qualquer referência ao tratamento que será dado à variação diatópica. O autor cita, apenas, que é preciso ler atentamente o verbete na íntegra, pois eles podem apresentar abreviaturas, sinônimos e indicação da área.

Nos verbetes "mandioca, macaxeira e aipim", encontramos a seguinte situação registrada nesse dicionário: as entradas dialogam entre si em relação aos seus sinônimos, mas é somente em "macaxeira" que o dicionário júnior da língua portuguesa de Geraldo Mattos registra as marcas de uso das regiões Norte e Nordeste.

A entrada "aipim" apresenta 2 (duas) acepções e, assim como mandioca, possui a marca "Botânica."

mandioca sf. 1. [Botânica] Planta de raízes compridas e grossas, das quais se faz a farinha de mesa: aipim, macaxeira. 2. [Botânica] Cada uma das raízes dessa planta: aipim, macaxeira. > **Mandiocal** sm. **Man.di.o.ca**

Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011, p.418

aipim sm. 1. [Botânica] 1. Planta de raízes compridas e grossas, que servem para comer e fazer farinha: macaxeira, mandioca. 2. Cada uma das raízes dessa planta. **Ai.pim**

Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011, p.28

macaxeira sf. 1. [Regionalismo: Norte e Nordeste] 1. [Botânica] Planta de raízes compridas e grossas, das quais se faz farinha: aipim, mandioca. 2. Cada uma das raízes dessa planta: aipim, mandioca. **Ma.ca.xei.ra**

Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011, p.410

Já em relação a menino, guri e piá, identificamos que "menino" apresenta como sinônimos: curumim, garoto, guri e piá. Entretanto, é em "piá" e "curumim" que a obra informa ao leitor que são variantes usadas no Sul e no Norte, respectivamente. Além disso, o dicionário júnior da língua portuguesa (2011) não registra curumi.



menino sm Criança do sexo masculino: curumim, garoto, guri, piá. **Me.ni.no.**

Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011, p.418

garoto sm Criança do sexo masculino: guri, menino, piá - O garoto acha que já é um rapaz. Fem.: garota. **Ga.ro.to.**

Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011, p.324

piá sm [Regionalismo: Sul] Criança do sexo masculino: curumim, garoto, guri, menino
Pi.á.

Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011, p.503

curumim sm [Mais usado na região Norte] Menino **Cu.ru.mim**

Mattos, Geraldo. Dicionário júnior da língua portuguesa. 4 ed. São Paulo: FTD, 2011, p.180

Considerações finais

Sem dúvida, o ensino da variação diatópica é um desafio para os professores de língua. Para a Sociolinguística, ela (a língua) é uma entidade social que, na relação entre os membros de uma comunidade, vai se construindo, se modificando, considerando-se o contexto em que está inserida e seus aspectos culturais.

Dessa forma, Naro (1998) esclarece que " o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras."

Apesar de nossas observações terem sido pontuais, em função, inclusive, do pouco espaço reservado a esse gênero, pudemos observar que o registro da variação diatópica nos dicionários do tipo 2 é bastante diversificado e irregular.

O exame dos dicionários evidenciou práticas lexicográficas bastante distintas o que, para nós, representa vantagens e inconvenientes, uma vez que processos linguísticos importantes na formação da língua, como o ensino da variação diatópica, são desprezadas, pois nem sempre são tratadas nos dicionários que compõem o nosso *corpus* ou ainda são evidenciadas sem critérios lexicográficos.

É evidente que não cabe a um dicionário do tipo 2, isto é, uma obra especialmente desenvolvida para atender às necessidades de alunos que cursam do 2º ao



5º ano do ensino Fundamental, registrar de forma exaustiva essas variações. Entretanto, considerando-se os avanços da Lexicografia e os objetivos dessas obras, que são, segundo o PNLD/MEC 2012, "auxiliar e oferecer subsídios ao trabalho do professor em sala de aula e familiarizar o aluno/consulente com os dicionários padrão", faz-se necessário uma reflexão sobre a adoção de princípios e critérios lexicográficos claros que possam refletir em obras cada vez mais funcionais e que possam atender às necessidades de seus usuários.

Não pretendemos tomar uma posição acerca da qualidade dos dicionários indicados pelo PNLD/MEC 2012. Esperamos, apenas, que nossas reflexões possam auxiliar na construção de trabalhos lexicográficos mais voltados ao seu público, visto que sabemos que os dicionários do tipo 2 caminham lado a lado com o livro didático, auxiliando os alunos na construção de seu conhecimento linguístico.

Referências Bibliográficas

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Revista Alfa**, São Paulo, 40: 27-46, 1996.

_____. **Dicionário ilustrado de português**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2009.

BORBA, Francisco S. **Palavrinha viva; dicionário ilustrado da língua portuguesa**. Curitiba: Piá, 2011.

BRAGA, Rita de Cássia Espechit & MAGALHÃES, Márcia A. Fernandes. **Fala Brasil!; dicionário ilustrado da língua portuguesa**. Belo Horizonte: Dimensão, 2011.

BRASIL. SEF/MEC. **Guia de livros didáticos do PNLD 2012** — Dicionários. Brasília: SEF/MEC, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2008.

_____. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Positivo Informática, 2009. Versão 3.0.

GEIGER, Paulo (org.). **Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo**. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011.

KRIEGER, Maria da Graça. Questões de Lexicografia pedagógica. In: XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe, RENÉ Marie (Org.).



Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 103-113.

MATTOS, Geraldo. **Dicionário júnior da língua portuguesa.** 4 ed. São Paulo: FTD, 2011.

MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Cristina (2006). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** Vol.1. São Paulo: Contexto, 2006.

NARO, Julius. Variação e funcionalidade. In: **Revista Estudos Linguísticos.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

SARAIVA, Kandy S. de Almeida & Oliveira, Rogério Carlos G. de. **Saraiva Júnior; dicionário da língua portuguesa ilustrado.** 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia.** 2.ed. Brasília: Thesaurus, 2004. 301p.

Recebido Para Publicação em 30 de julho de 2017.

Aprovado Para Publicação em 10 de setembro de 2017.